

Enfrentando el Covid-19 desde la madurez: realismo, serenidad, liderazgo... y cine para templar las emociones

Enfrentando Covid-19 desde a maturidade: realismo, serenidade, liderança ... e cinema para temperar emoções

Facing Covid-19 from maturity: realism, serenity, leadership ... and cinema to temper emotions

*Pablo González Blasco, * Maria Auxiliadora Craice De Benedetto. ***

**Doctor en Medicina. Director Científico de SOBRAMFA- Educação Médica e Humanismo. ** Doctora en Medicina. Directora de Publicaciones de SOBRAMFA.*

*Os encantadores poderão muito bem tirar-me a ventura, porém não o esforço e o ânimo.
Don Quixote de la Mancha*

COMO POSSO AJUDAR?

Esta é a pergunta que, durante as últimas semanas, desperta-nos todos os dias. Como professores e médicos com muitas horas de voo, nosso lugar certamente não está nas linhas de frente, na trincheira. Porém, temos de ajudar: em primeiro lugar a equipe de médicos que coordenamos, os profissionais de saúde que nos rodeiam e, sem dúvida, os pacientes e suas famílias.

A atual pandemia de Covid-19 nos faz viver tempos difíceis e sem precedentes. Os esforços de todos os profissionais, cada um com suas próprias competências, são essenciais. Enquanto os pesquisadores e cientistas se esforçam por encontrar recursos terapêuticos que possam ser efetivos, os que estão na linha direta de assistência dedicam seus melhores esforços à atenção clínica dos pacientes afetados. Vale a pena perguntar-se qual seria, neste momento, o papel dos envolvidos com educação médica para colaborar na crise global.

A cada dia que passa, fica inegável que a atenção à equipe de saúde é essencial. Não somente em relação ao cuidado físico (para o qual se tomam todas as medidas possíveis em cada situação), como também no que diz respeito à saúde mental. Ou, para dizê-lo de uma maneira mais simples, é necessário elevar o moral dos que enfrentam diariamente esta ameaça de proporções sem precedentes. Um médico desanimado e pessimista, também é um elemento de crise, pois causa insegurança aos pacientes, mais até mesmo do que lhes chega por meio dos veículos de informação, o que em nada ajuda a equipe de saúde.

De repente, surge a ideia: proporcionar uma visão realista dos fatos e ajudar a recuperar as proporções que a equipe está experimentando nesta crise. Esta pode ser nossa ajuda nos bastidores. É necessário, como adverte uma publicação recente, pensar globalmente, porém atuar localmente¹. Sim, atuar localmente, a decisão está tomada.

Objetividade e Realismo

“Se se quer entender algo, o mais urgente é restabelecer as proporções reais”, disse Julián Marías². Buscando colaborar nesse sentido, **SOBRAMFA – Educação Médica e Humanismo** tem difundido, por meio de vídeos curtos³, recomendações que ajudam os profissionais de saúde a manter uma visão objetiva da realidade que estão vivendo. A ideia é que cada um, dentro de seu círculo de influências, atenha-se a suas responsabilidades. Uma preocupação excessiva e desproporcionada no que concerne aos problemas globais que o planeta enfrenta em nada ajuda. Pelo contrário, dificulta que cada um assuma seus próprios compromissos dentro do setor específico que lhe cabe neste momento.

Uma das primeiras responsabilidades do médico é manter a serenidade, não comunicar sem necessidade as dúvidas e ansiedade que, certamente, tem o direito de sentir. Porém, deve trabalhá-los internamente, com recursos de sua própria fibra moral, sem transmiti-los toxicamente ao paciente. Vale a pena recordar o comentário de Marañón: “o médico dogmático vive escravo de sua reputação, ignorando que esta serve, não para que sua família possa sentir-se lisonjeada, mas sim para arriscar-se quando seja necessário para manter em alta o moral de seus pacientes. Este é quase sempre o melhor remédio e, às vezes, o único que podemos receitar.”⁴

Em situações de crise como a que vivemos, é bom recordar aquele ditado clássico: o que distingue um bom médico não é o currículo, nem os prêmios que obteve, nem sequer os presentes que recebe de sua clientela. O bom médico é aquele cujo paciente, depois de visitá-lo, sai melhor do que quando entrou!

Em recente entrevista de áudio⁵, publicada por importante revista médica, um dos líderes mundiais na luta contra a atual pandemia (e de muitas outras anteriores) afirmou que, mesmo diante de um grande desafio, ninguém tem que sentir-se responsável pela saúde global. Ou seja, respeito pela ameaça global, porém cada um atento ao que lhe diz respeito.

Convém ressaltar um exemplo de assistência que ilustra esta forma de atuar. A equipe que coordenamos trabalha em dois pequenos hospitais e se ocupa de vários residenciais de idosos, com mais de 600 hóspedes. A objetividade e realismo implicam em uma tabulação diária da evolução dos pacientes que são confiados a cada membro da equipe: os hospitalizados, as mortes e, muito importante, os recuperados que receberam alta, o que proporciona uma sensação de realidade. A informação global, que está disponível para qualquer pessoa e é necessária para o planejamento das políticas de saúde, não é realmente relevante para que o profissional de saúde possa enfrentar adequadamente os desafios de seu cotidiano. Na verdade, esta pode até gerar uma preocupação antecipada e, o que é pior, distrair-lhe de suas próprias responsabilidades. É possível, como diz o refrão, “que as muitas árvores o impeçam de ver o bosque”.

Serenidade para governar as emoções

A crise que estamos vivendo tem um duplo componente: por um lado, a ameaça biológica de um novo vírus, com graves consequências para a população, porque se trata de algo desconhecido. Porém, por outro lado, a ansiedade, o medo e as emoções desordenadas também são uma ameaça para o equilíbrio mental e para a serenidade tão necessários para enfrentar o presente desafio.

Um poema de Fernando Pessoa ilumina esta reflexão. O poeta diz: “A vida é o que fazemos dela. As viagens são os viajantes, o que vemos não é o que vemos, senão o que somos”. Em outras palavras: filtramos a realidade através de nossas emoções, através da forma em que vivenciamos essa realidade. Isto explica as aflições e angústias desmedidas que sentimos ao considerarmos o cenário que temos ao lado, em “nosso quintal”, com olhos, sentimentos e emoções amplificadas e (deformadas), devido ao panorama mundial apresentado pelos meios de comunicação. Novamente, é necessário atuar, e sentir, localmente, prevenindo as emoções globais.

O cinema, um recurso educativo utilizado em educação médica^{7,8}, também se inclui nos vídeos supracitados.³ Clips de diferentes cenas de filmes⁹ auxiliam a aclarar muitas das recomendações aqui comentadas. Destacamos uma primeira mensagem: você não está só. O filme *Eu Sou a Lenda*¹⁰ é direto em relação a essa mensagem: (“se há alguém aí, posso ajudar, você não está só”). E logo, a luta contra o pessimismo reinante: (“se as pessoas que destroem este mundo nunca tiram férias, como as tiraria eu?”). Não se pode sucumbir ao pessimismo, nem participar passivamente de todo o tipo de notícias que chegam indiscriminadamente. Além do distanciamento social recomendado como recurso de prevenção epidemiológica, deve-se manter uma distância informativa razoável.

A essencial importância da liderança é representada na cena de *Coração Valente*¹¹ em que William Wallace pede que se espere o momento adequado para enfrentar a carga da cavalaria inimiga. A liderança que também se supõe ser necessária para manter a equipe unida e não tolerar as divisões que se produzem devido à tendência natural de se buscar culpados em tempos de crise. Algo que presenciamos diariamente, tão bem abordado no filme *Brigada 49*¹², na cena que sucede à morte do bombeiro: (“Acabo de dizer a uma mãe que seu filho morreu e vocês discutem em minha casa! Superaremos isto se permanecermos juntos; aprendamos a lição, voltemos ao carro patrulha e, desse modo, honremos o colega morto”).

Fugir de ansiedades desnecessárias, como a sã indiferença do espião soviético em *A Ponte dos Espiões*¹³, que contrasta com a preocupação desproporcionada do filho do advogado. Convém ressaltar a importância da unidade que caracteriza o verdadeiro trabalho em equipe e é ilustrada em *Gladiador*¹⁴ (Não sei o que sairá por essas portas, porém se permanecermos unidos sobreviveremos”) e em *Spartacus*¹⁵ (“Eu sou Spartacus!” – gritam todos, quando as autoridades buscam o responsável pela revolta dos gladiadores). Spartacus é mais que uma pessoa: é uma ideia que reúne a equipe e promove a solidariedade em tempos de crise!

Recomenda-se o isolamento social, e se coloca à disposição visitas a museus e concertos gratuitos na Internet. As oportunidades culturais são únicas, porém sentimos que falta algo, O ser humano – já o dizia Aristóteles – é uma animal social, e o que nos falta é a experiência de viver toda essa cultura com alguém, em sociedade. Talvez, o distanciamento físico seja necessário, porém acompanhado com conectividade social, como apontam alguns autores.¹⁶ Uma vez mais o cinema para iluminar a questão: em *Um Sonho de Liberdade*¹⁷, o banqueiro culto encontra “*As Bodas de Figaro*” entre os discos da prisão e se dá conta de que não pode desfrutar solitariamente a melodia de Mozart. E a coloca nos alto-falantes para que todos possam ouvi-la no pátio, o que lhe custa algumas semanas de solitária. No entanto, consegue que todos aqueles homens se sintam livres por alguns minutos.

Liderança para resgatar as circunstâncias

As notícias tóxicas que chegam diariamente por todos os canais de comunicação saturam e deprimem. Destacam-se as tragédias – que certamente existem – porém se omitem as conquistas e superações. Comprovamos como as pessoas ao nosso redor – cidadãos, pacientes e, certamente, os profissionais de saúde – sucumbem a esse bombardeio. Destacamos um comentário singular que nos chegou: “tenho de me apartar do telefone para conseguir descansar!” E pensamos se o telefone – o *smartphone* – é um instrumento ao nosso serviço ou um ditador impiedoso.

Imediatamente nos acode à mente a cena de Nelson Mandela em sua cela na prisão de *Robben Island* descrita magistralmente no filme *Invictus*¹⁸ (“Eu sou o capitão de minha alma, eu sou o senhor de meu destino”). Um exemplo de liderança sobre si mesmo, de quem passou 29 anos na prisão sem perder os nervos e nem o foco de sua missão.

As circunstâncias nos desafiam, porém não podem nos condicionar. Impossível não evocar neste ponto, as reflexões de Ortega em suas *Meditaciones del Quijote*¹⁹. “Os encantadores poderão muito bem tirar-me a ven-

-tura, porém não o esforço e o ânimo, disse Quixote. Se resistimos a essa herança e ao entorno que nos impõe ações determinadas, é porque tratamos de basearmo-nos somente em nós mesmos, na origem de nossas ações. Quando o herói quer, não são os ancestrais ou os costumes do presente que querem algo, senão ele mesmo. A heroicidade consiste precisamente nesse desejo de ser ele mesmo quem tem de ser.”

Novamente objetividade: prestar atenção ao que temos às mãos, sem nos perdemos em sonhos ou fantasias. Ou em quimeras e medos. Viver o que temos, em nossas condições e circunstâncias. Daí, a conhecida frase do filósofo: “Sou eu e minhas circunstâncias, e se não as salvo, não me salvo a mim mesmo”. Frase frequentemente citada, porém, na maioria das vezes de forma incompleta. As circunstâncias se colocam, na cultura popular, como uma desculpa e não como um desafio que deva salvar-se, redimir-se. Por isso Ortega agrega: “Temos de buscar para as nossas circunstâncias o que é peculiar, seu lugar correto na imensa perspectiva do mundo. Não nos determos em valores fixos, mas sim conquistarmos em nossas vidas individuais o lugar correto entre eles. Em resumo: a reabsorção das circunstâncias é o destino concreto do homem.” Impossível maior clareza com menos palavras.

Redimir as circunstâncias, disso é que se trata. E novamente, o cinema surge para ampliar as reflexões. Peter Weir, o diretor australiano, é um especialista em “redimir circunstâncias”. Subir à mesa em “*Sociedade dos Poetas Mortos*”²⁰, para ganhar outras perspectivas da realidade. Ou atar-se ao barco – fazer-se uno com sua missão de liberdade – em *Show de Truman*²¹, para enfrentar os maremotos de escravidão. Ou superar a perda de um braço, como em *Mestre dos Mares*²², tendo como exemplo o almirante Nelson, que com somente um braço dirigiu a esquadra britânica à vitória, e ainda hoje preside o panorama londrino a partir da coluna em *Trafalgar Square*.

Chegamos à época de Páscoa em meio à crise. Alguém enviou uma leitura da Bíblia específica para esses momentos. Lemos com calma, saboreando cada palavra: “Aprende onde se encontra a prudência, a força e a inteligência, para que possas saber, ao mesmo tempo, onde se encontra a vida e a felicidade, o brilho dos olhos e a paz.”

Impossível não fazer a conexão com outra cena chamativa de *A Ponte dos Espiões*¹³, quando o espião descreve a categoria moral de um homem que conheceu na infância, a quem o advogada defensor lhe recorda. Todo o diálogo, incluído em um dos vídeos³, transpira emoção e liderança: “Quando era pequeno, da idade de seu filho, meu pai me chamou a atenção sobre um homem que nos visitava e que, aparentemente, nunca havia feito nada extraordinário. Um dia, os guardas invadiram nossa casa, golpearam meu pai, minha mãe e também esse homem. E cada vez que o golpeavam, ele se levantava, uma e outra vez, sem dar-se por vencido. Creio que sua insistência em levantar-se fez com que os guardas se cansassem e o deixassem tranquilo. Recordo que diziam *stoikiy muzhik*, que em russo significa algo assim como homem persistente.” Esta é, talvez, a ajuda que os que trabalham com educação médica devem oferecer neste momento. Isto é Humanismo Médico em tempos de crise.

Quando a idade não nos permite estar nas linhas de frente, mas sim na ponte de comando, todos os dias, podemos e devemos ajudar. Sem ações heroicas, porém mostrando prudência, objetividade, realismo. Transmitindo serenidade, em esforço diário, à equipe pela qual somos responsáveis. Saber estar presente com os braços abertos. Superar o desânimo, sem render-se. Encarnar o *stoikiy muzhik*, tendo a persistência como bandeira.

Referencias

1. NEJM. April , 2, 2020. DOI: 10.1056/NEJMp2006740.
2. Julián Marías. Una vida Presente. Memórias. Madrid: Páginas de Espuma; 2008.
3. www.sobramfa.com.br / cfr link. <https://vimeo.com/showcase/6982727/>

4. Marañón G. La medicina y nuestro tiempo. Madrid: Espasa Calpe; 1954.
5. NEJM. Journal Watch. March 10, 2020. <https://podcasts.jwatch.org/index.php/podcast-256-anthony-fauci-talking-with-patients-about-covid-19/2020/03/10/>
6. Fernando Pessoa. Mensagem. Rio de Janeiro: Nova Aguilar; 1976.
7. Blasco PG. Educação Médica, Medicina de Família e Humanismo: expectativas, dilemas e motivações do estudante de medicina analisadas a partir de discussões sobre produções cinematográficas. Tese Doutoral. Faculdade de Medicina, USP. São Paulo, 2002. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5144/tde-31082009-085309/pt-br.php>
8. Blasco PG. Humanizando a Medicina: Uma Metodologia com o Cinema. São Paulo: Centro Universitário São Camilo; 2011.
9. Blasco PG, Moreto G, Roncoletta AFT, Levites MR, Janaudis MA. Using movie clips to foster learners' reflection: Improving Education in the Affective Domain. Fam Med. 2006; 38(2) 94-6.
10. <https://www.imdb.com/title/tt0480249/>
11. <https://www.imdb.com/title/tt0112573/>
12. <https://www.imdb.com/title/tt0349710/>
13. <https://www.imdb.com/title/tt3682448/>
14. <https://www.imdb.com/title/tt0172495/>
15. <https://www.imdb.com/title/tt0054331/>
16. Bergman D, Bethell C, Gombojav N, Hassink S; Stange, K. Physical Distancing With Social Connectedness. Annals of Family Medicine. 2020-03-26. (cfr. <https://deepblue.lib.umich.edu/handle/2027.42/154577>).
17. <https://www.imdb.com/title/tt0111161/>
18. <https://www.imdb.com/title/tt1057500/>
19. Ortega y Gasset J: "Meditaciones del Quijote". Revista de Occidente. Madrid: Alianza Editorial; 1981.
20. <https://www.imdb.com/title/tt0097165/>
21. <https://www.imdb.com/title/tt0120382/>
22. <https://www.imdb.com/title/tt0311113/>
23. Blasco PG, De Benedetto MAC, Reginato V. Humanismo em Medicina São Paulo: SOBRAMFA-Educação Médica e Humanismo; 2015. v.100. p.437.

Los encantadores bien podrán quitarme la ventura, pero no el esfuerzo y el ánimo.
Don Quijote de la Mancha

¿CÓMO PUEDO AYUDAR?

Esta es la pregunta que nos despierta todos los días, durante las últimas semanas. Como profesores y médicos con muchas horas de vuelo, nuestro lugar ciertamente no está en primera línea, en la trinchera. Pero hay que ayudar: en primer lugar, al equipo de médicos que coordinamos, a los profesionales de la sanidad que nos rodean y, sin duda, a los pacientes y sus familias.

La actual pandemia de Covid-19 nos hace vivir tiempos difíciles y sin precedentes. Los esfuerzos de todos los profesionales, cada uno con sus propias competencias, son esenciales. Mientras que los investigadores y científicos se esfuerzan por encontrar recursos terapéuticos que puedan ser efectivos, los que están en la línea directa de asistencia dedican sus mejores esfuerzos a la atención clínica de los pacientes afectados. Vale la pena preguntarse cuál sería el papel de aquellos involucrados en la educación médica en este momento, para colaborar en la crisis global.

A cada día que pasa, es innegable que la atención al equipo de salud en sí es esencial. No solo el cuidado físico (para lo cual se toman todas las medidas posibles en cada caso), sino también la salud mental. O, para decirlo de manera más sencilla, elevar la moral de quienes se enfrentan a diario con esta amenaza de proporciones sin precedentes. Un médico desanimado y pesimista, sin perspectiva, también es un elemento de crisis, causa inseguridad en los pacientes, incluso más de lo que les llega a través de los medios informativos, y nada ayuda al equipo de salud.

De repente surge la idea: proporcionar una visión realista de los hechos, recuperar las proporciones que el equipo está experimentando en esta crisis. Esta puede ser nuestra ayuda desde detrás de escena. Es necesario, como advierte una publicación reciente, pensar globalmente, pero actuar localmente¹.

- Actuar localmente, la decisión está tomada.

Objetividad y Realismo

“Si se quiere entender algo, lo más urgente es restablecer las proporciones reales”, dice Julián Marías². Buscando colaborar en este sentido, **SOBRAMFA - Educación Médica y Humanismo**, ha difundido a través de videos cortos³ recomendaciones que ayudan a los profesionales a mantener una visión objetiva de la realidad que están viviendo. Cada uno, dentro de su círculo de influencia, atento a sus responsabilidades. Una preocupación excesiva y desproporcionada por los problemas globales que enfrenta el mundo, nada ayuda, incluso dificulta, que cada uno se haga cargo de sus propios compromisos, del sector específico del que es responsable en este momento.

Una de las primeras responsabilidades del médico es mantener la serenidad, no transferir innecesariamente las dudas y ansiedades que, por supuesto, tiene derecho a sentir. Pero debe trabajarlos internamente, con recursos de su propia fibra moral, sin arrojarlos tóxicamente sobre el paciente. Vale la pena recordar el comentario de Marañón: “El médico dogmático vive esclavo de su reputación, ignorando que sirve, no para que su familia pueda sentirse halagada, sino para arriesgarse cuando sea necesario, para mantener la moral de los pacientes alta. La moral alta es casi siempre la mejor medicina y, a veces, la única que podemos recetar”.⁴ Incluso en situaciones de crisis como la que vivimos, es bueno recordar aquel dicho clásico: lo que distingue a un buen médico no es el currículum ni los premios, ni siquiera los regalos que recibe de su clientela ¡El buen médico es aquel que, después de visitarlo, el paciente sale mejor de lo que ingresó!

En reciente entrevista de audio,⁵ publicada por importante revista médica, uno de los líderes mundiales en la lucha contra la pandemia de Covid-19 (y con muchas otras anteriores), afirmó que, incluso frente a un gran desafío, nadie tiene que sentirse responsable de la salud global del planeta. Es decir, respeto por la amenaza global, pero cada uno atento a lo que le atañe. Objetividad y realismo, por lo tanto. Las ansiedades globales no ayudan.

Vale la pena mencionar un ejemplo que ilustra esta forma de actuar. El equipo que coordinamos trabaja en dos pequeños hospitales y se ocupa de varias residencias de ancianos, con más de 600 huéspedes. La objetividad y el realismo implican una tabulación diaria de la evolución de los pacientes que cada uno tiene confiados: los hospitalizados, las muertes y, muy importante, el alta de los recuperados, lo que proporciona una sensación de realidad. La información global, que está disponible para cualquier persona y necesaria para las políticas de salud, no es realmente relevante para lo que cada profesional tiene que enfrentar a diario. Incluso puede generar una preocupación anticipada y, lo que es peor, distraerle de sus propias responsabilidades. Es posible, como dice el refrán, *que los muchos árboles te impidan ver el bosque*.

Serenidad para gobernar las emociones

La crisis que estamos viviendo tiene un doble componente: por un lado, la amenaza biológica de un nuevo virus, con graves consecuencias para la salud de la población, porque se trata de algo desconocido. Pero, por otro, la ansiedad, el miedo y las emociones desordenadas también son una amenaza para el equilibrio mental y para la serenidad necesaria para enfrentar un desafío como el actual.

Un poema de Fernando Pessoa ilumina esta reflexión. El poeta dice en traducción libre: “*La vida es lo que hacemos de ella / Los viajes son los que viajan / Lo que vemos no es lo que vemos / sino lo que somos*”⁶. En otras palabras: filtramos la realidad a través de nuestras emociones, a través de la forma en que vivenciamos esa reali-

dad. Esto explica la angustia y las aflicciones al considerar la realidad del escenario que tenemos al lado, en “nuestro patio”, con ojos, sentimientos y emociones amplificadas (y deformadas), debido al panorama mundial presentado por los medios informativos. Nuevamente, es necesario actuar, y sentir, localmente, previniendo las emociones globales.

El cine, un recurso educativo utilizado en la educación médica^{7,8} también se incluye en estos videos.³ El utilizar clips de diferentes escenas de películas⁹ ayudan a aclarar muchas de las recomendaciones hasta aquí comentadas. Destacamos un primer mensaje: **no estás solo**. La película *Soy leyenda*¹⁰ es directa en el mensaje: (“si hay alguien ahí, puedo ayudar, no estás solo”). Y luego, la lucha contra el pesimismo reinante: (“si las personas que desmejoran este mundo nunca se van de vacaciones, ¿cómo voy a tomármelas yo?”). No se puede sucumbir al pesimismo, ni participar pasivamente en todo tipo de noticias que llegan indiscriminadamente. Además de la distancia social como recurso de prevención epidemiológica, se debe mantener una distancia informativa saludable.

La importancia esencial del liderazgo representado en la escena de *Braveheart*¹¹ donde William Wallace pide que se espere el momento adecuado para enfrentar la carga de caballería enemiga. El liderazgo que también supone mantener al equipo unido, no tolerar las divisiones que se producen debido a la tendencia natural de buscar culpables en tiempos de crisis. Algo que presenciamos a diario, muy bien abordado en *Brigada 49*¹² en la escena después de la muerte del bombero: (“¡Vengo de decirle a una madre que su hijo ha muerto y tú discutes en mi casa! Superamos esto si permanecemos juntos, aprendemos la lección y volvemos al coche patrulla y, de ese modo, honramos al colega muerto.”

Huir de ansiedades innecesarias, como la sana indiferencia del espía soviético en *El Puente de los Espías*¹³, que contrasta con la preocupación desproporcionada del hijo del abogado. Sin olvidar la importancia de la unidad que caracteriza el verdadero trabajo en equipo: *Gladiator*¹⁴ (“No sé lo que saldrá por esas puertas, pero si estamos unidos sobreviviremos) Y Espartaco¹⁵ (“ ¡Yo soy Espartaco! ”- gritan todos, cuando las autoridades buscan al responsable por la sublevación de los gladiadores). Espartaco es más que una persona: ¡es una idea que reúne al equipo y promueve la solidaridad en tiempos de crisis!

Se recomienda el asilamiento social, y se ponen a disposición museos y conciertos gratuitos en Internet. Las oportunidades culturales son únicas, pero sentimos que nos falta algo. El hombre -ya lo decía Aristóteles- es un animal social, y lo que nos falta es la experiencia de vivir toda esa cultura con alguien, en sociedad. Quizá lo que necesitamos es distancia física, pero conectividad social, como bien apuntan recientemente algunos autores.¹⁶ De nuevo el cine para iluminar la cuestión: En *Cadena Perpetua*,¹⁷ el banquero culto encuentra entre los discos de la prisión “Las Bodas de Fígaro” y se da cuenta de que no puede disfrutar con la melodía de Mozart en soledad. Lo coloca en los altavoces, le cuesta algunas semanas de solitaria, pero consigue que, por algunos minutos, todos aquellos hombres se sientan libres.

Liderazgo para redimir las circunstancias

Las noticias tóxicas que llegan diariamente por todos los canales de comunicación, saturan y deprimen. Se destacan las tragedias -que ciertamente existen- pero se omiten las conquistas y superaciones. Comprobamos como la gente a nuestro alrededor -ciudadanos, pacientes y, por supuesto, los profesionales de la sanidad- sucumben a ese bombardeo. Destacamos un comentario singular que nos llegó: ¡tengo que apartarme del teléfono para poder descansar! Y uno piensa si el teléfono -el *smartphone*- es un instrumento a mi servicio, o un dictador impiedoso. Inmediatamente acude a la mente la escena de Nelson Mandela en su celda de Robben Island descrita magistralmente en la película *Invictus*¹⁸ (“Yo soy el capitán de mi alma, yo soy el señor de mi destino”). Un ejemplo de liderazgo sobre sí mismo, de quien se pasó 29 años en prisión, sin perder los nervios ni el foco en su misión.

Las circunstancias nos desafían, pero no pueden condicionarnos. Imposible no evocar en este punto, las reflexiones de Ortega en sus *Meditaciones del Quijote*.¹⁹ "Los encantadores bien podrán quitarme la ventura, pero no el esfuerzo y el ánimo" dice Don Quijote. Si nos resistimos a esa herencia y el entorno nos impone acciones determinadas, es porque tratamos de basarnos, solo en nosotros, en el origen de nuestras acciones. Cuando el héroe quiere, no son los ancestros o las costumbres del presente quienes quieren algo, sino él mismo. La heroicidad consiste precisamente en este deseo de ser él mismo quien tiene que ser."

Nuevamente objetividad: prestar atención a lo que tenemos a mano, sin perderse en sueños o fantasías. O en quimeras y miedos. Vivir lo que tenemos, en nuestras condiciones y circunstancias. De ahí la conocida frase del filósofo: "Soy yo y mi circunstancias, y si no las salvo a ellas, no me salvo a mí mismo". Frase a menudo citada, pero en su mayoría incompleta. Las circunstancias se colocan, en la cultura popular, como una excusa y no como un desafío que debe salvarse, redimirse. Por eso Ortega agrega: "Tenemos que buscar para nuestras circunstancias lo que es peculiar, el lugar correcto en la inmensa perspectiva del mundo. No detenernos en valores fijos, sino conquistar en nuestras vidas individuales el lugar correcto entre ellos. En resumen: la reabsorción de las circunstancias es el destino concreto del hombre". Imposible mayor claridad con menos palabras.

Redimir las circunstancias, de eso se trata. Y nuevamente el cine surge para ampliar las reflexiones. Peter Weir, el director australiano, es un especialista en "redimir circunstancias". Subirse a la mesa, en *El Club de los Poetas Muertos*,²⁰ para ganar otras perspectivas de la realidad. O atarse al barco -hacerse uno con su misión de libertad- en el *Show de Truman*,²¹ para enfrentar los maremotos de esclavitud. O superar la pérdida de un brazo, como en *Master and Commander: Al otro lado del mundo*²² teniendo por ejemplo al almirante Nelson, que con un sólo brazo dirigió la escuadra británica a la victoria, y preside el panorama Londrino desde la columna en Trafalgar Square. Llegamos a la época de Pascua en medio de la crisis. Alguien envió una lectura de la Biblia específica para estos momentos. Leemos con calma, saboreándolo: "Aprende dónde se encuentra la prudencia, la fuerza y la inteligencia, para que puedas saber, al mismo tiempo, dónde se encuentran la vida y la felicidad, el brillo de los ojos y la paz".

Imposible no hacer la conexión con esa otra escena llamativa, de *El Puente de los Espías*,¹³ cuando el espía describe la categoría moral de un hombre que conoció en la infancia, a quien el abogado defensor le recuerda. Todo el diálogo, incluido en uno de los videos³ transpira emoción y liderazgo: "Cuando era pequeño, de la edad de su hijo, mi padre me llamó la atención sobre un hombre que nos visitaba y que, al parecer, nunca había hecho nada extraordinario. Un día, los guardias invadieron nuestra casa, golpearon a mi padre, a mi madre y también a este hombre. Y cada vez que lo golpeaban, se levantaba, una y otra vez, sin darse por vencido. Creo que su insistencia en levantarse hizo que los guardias se cansaran y le dejaran tranquilo. Recuerdo que decían *Stoikiy muzhik*, que en ruso significa algo así como hombre persistente." Esta es, quizá, la ayuda que los que trabajan en la *educación médica* deben ofrecer en este momento. Esto es Humanismo Médico²³ en tiempos de crisis.

Cuando la edad no nos permite estar en primera línea, pero desde el puente de comando, todos los días, podemos y debemos ayudar. Sin acciones heroicas, pero mostrando prudencia, objetividad, realismo. Transmitiendo serenidad, en esfuerzo diario, al equipo del que somos responsables. Saber estar presentes, con los brazos abiertos. Superar el desánimo, sin rendirse. Encarnar el *Stoikiy muzhik*, la persistencia como bandera.

Referencias

1. NEJM. April , 2, 2020. DOI: 10.1056/NEJMp2006740
2. Julián Marías. *Una vida Presente. Memorias*. Páginas de Espuma. Madrid 2008.

3. www.sobramfa.com.br / cfr link. <https://vimeo.com/showcase/6982727/>
4. Marañón G.. La medicina y nuestro tiempo. Espasa Calpe. Madrid, 1954.
5. NEJM. Journal Watch. March 10, 2020. <https://podcasts.jwatch.org/index.php/podcast-256-anthony-fauci-talking-with-patients-about-Covid-19/2020/03/10/>
6. Fernando Pessoa. Mensagem. Rio de Janeiro: Nova Aguilar; 1976.
7. Blasco PG. *Educação Médica, Medicina de Família e Humanismo: expectativas, dilemas e motivações do estudante de medicina analisadas a partir de discussões sobre produções cinematográficas*. Tese Doutoral. Faculdade de Medicina, USP. São Paulo, 2002. <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5144/tde-31082009-085309/pt-br.php>
8. Blasco PG. *Humanizando a Medicina: Uma Metodologia com o Cinema*. Centro Universitário São Camilo. São Paulo. 2011.
9. Blasco PG, Moreto G, Roncoletta AFT, Levites MR, Janaudis MA. Using movie clips to foster learners´ reflection: Improving Education in the Affective Domain. *Fam Med* 2006; 38(2) 94-6.
10. <https://www.imdb.com/title/tt0480249/>
11. <https://www.imdb.com/title/tt0112573/>
12. <https://www.imdb.com/title/tt0349710/>
13. <https://www.imdb.com/title/tt3682448/>
14. <https://www.imdb.com/title/tt0172495/>
15. <https://www.imdb.com/title/tt0054331/>
16. Physical Distancing With Social Connectedness. Bergman D, Bethell C, Gombojav N, Hassink S; Stange, K. *Annals of Family Medicine*. 2020-03-26. (cfr. <https://deepblue.lib.umich.edu/handle/2027.42/154577>).
17. <https://www.imdb.com/title/tt0111161/>
18. <https://www.imdb.com/title/tt1057500/>
19. Ortega y Gasset, J: "Meditaciones del Quijote". Revista de Occidente. Alianza Editorial. Madrid. 1981.
20. <https://www.imdb.com/title/tt0097165/>
21. <https://www.imdb.com/title/tt0120382/>
22. <https://www.imdb.com/title/tt0311113/>
23. Blasco PG, De Benedetto MAC, Reginato V. Humanismo em Medicina São Paulo SOBRAMFA-Educação Médica e Humanismo, 2015, v.100. p.437.